

A Necessidade da Justificação

José Aristides dos Santos Filho

Uma pergunta que fatalmente surge na nossa caminhada no estudo da justificação pela fé é: “Por que os homens precisam ser justificados?” ou, em outras palavras “qual a necessidade da justificação?”.

A menos que entendamos a grandeza da necessidade da justificação não daremos o valor devido a esta grandiosa doutrina. A menos que compreendamos o nosso estado de pecaminosidade, de hostilidade, de rebeldia contra Deus, não compreenderemos a grande necessidade da vida e obra de Cristo, da justificação que Ele nos trouxe através do Seu sacrifício.

É sobre esta grande necessidade da raça humana que abordaremos neste capítulo.

2.1 – O “chamado” Pacto das Obras.

Já assinalamos a questão de que o primeiro método de justificação foi pela obediência dos nossos primeiros pais ao mandamento, à ordem de Deus. Chamamos a isto, conforme alguns teólogos, de pacto das obras. Mas, o que é um pacto?

Um pacto ou aliança é um contrato firmado entre duas pessoas. Estas duas pessoas podem ou não estar em pé de igualdade. Quando se trata de um pacto firmado entre seres humanos, este é bilateral, há igualdade de ambas as partes. Entretanto, quando se trata do pacto de Deus com os homens, não há igualdade de ambas as partes. O Dr. Mauro Meister, afirma isto dizendo que:

Um pacto implica sempre em igualdade entre as partes? Certamente que não. A bilateralidade, no contexto do pacto entre Deus e os homens implica tão somente em que duas partes estão envolvidas, mas não que exista igualdade entre essas partes. Teólogos têm chamado este tipo de aliança de ‘unilateral’ de ‘monergista’ ou seja, iniciada e garantida por Deus nos seus termos. Portanto, estamos falando de uma aliança que não envolve um acordo de duas partes, no qual não existe negociação de direitos e obrigações.¹

¹ Mauro Fernando Meister. Artigo: *Uma breve introdução ao estudo do Pacto*. Revista Fides Reformata. Volume III, nº. 01. Janeiro a Junho de 1998. Pg. 117.

Fica claro que, ainda que o homem seja uma das partes no pacto, ele não pode escolher entre aceitar ou não. Pelo menos não tem liberdade de modo algum para propor outro acordo no lugar do que Deus lhe apresenta. Poderia fazê-lo se se tratasse de um semelhante a ele, mas não tratando-se do Senhor Deus. Não há qualquer igualdade nesta relação.

Quanto a isto o escritor J. Gresham Machen também afirma o mesmo que o Dr. Mauro Meister. Ele escreve: “O pacto é uma expressão da vontade de Deus, não do homem, e o homem deve aceitar as condições que se propõem, confiar em Deus em que [estas condições] são santas, justas e boas, e ordenar sua vida em conseqüência disto”.²

Este pacto traz consigo grandes e tremendas implicações; as implicações da vida e da morte.

O chamado Pacto das Obras, então, consistia simplesmente em que o homem deveria cumprir perfeitamente o mandamento de Deus. Assim fazendo ele seria justificado, desta forma, Deus lhe concederia vida.

É importante, entretanto, salientarmos que Deus não tinha obrigação nenhuma de dá vida ao homem, mesmo o homem cumprindo a sua parte. Deus como criador poderia exigir isto do homem como um direito que Lhe cabia. Deus concederia vida ao homem como dádiva e não como obrigação. J. Gresham Machen afirma: “[Deus] não tinha obrigação nenhuma de fazê-lo (de conceder vida), exceto no sentido em que todas as ações de Deus estão vinculadas necessariamente à bondade infinita do seu próprio ser”.³ Esta é uma das razões pelas quais os teólogos não gostam de falar de “Pacto das Obras”.⁴

Assim, pois, este pacto das obras que Deus fez com o homem foi algo gratuito. Ele continha uma possibilidade de morte, mas também uma promessa de vida eterna. Se passasse pela tentação haveria vida; caso contrário haveria morte.

Assim diz o texto sagrado: “E o Senhor lhes deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres certamente morrerás.” (Gn 2. 16-17).

Para manter o seu relacionamento com Deus Adão haveria de manter-se na condição em que fora criado; santo, sem pecado. A lei ou ordem que Deus lhe deu é a Sua exigência para manter este relacionamento. Se o nosso primeiro pai saísse deste estado haveria morte. Morte física. Morte espiritual.

² J. Gresham Machen. *Visión Cristiana del Hombre*. 1 ed. (Barcelona: El Estandarte de la Verdad, 1996), 153. Tradução Própria.

³ *Ibid.*, 154.

⁴ Ver Hoekema. *Criados à imagem de Deus*, 137-139.

É natural que pensemos desta forma. Adão está num relacionamento com um Deus que é Santo, e para se relacionar com Ele é necessário também ser santo, precisa-se estar à altura dEle. O Rev. Moisés Bezerril explica isto:

Ora como seria estabelecida uma relação de vida entre o Deus que é toda santidade e justiça, de natureza infinitamente superior ao homem, e o homem, uma criatura, com a possibilidade de queda, e infinitamente inferior ao seu Criador, se não fossem dadas as condições de serem satisfeitas as exigências divinas para esta relação? Estas condições resumem-se na exigência que Deus fez na sua Lei, para o relacionamento entre Deus e Suas criaturas, o que é nada mais nada menos do que a dispensação do Seu caráter e dos Seus atributos. Isto significa que para entrar numa relação com Deus, Ele mesmo exige condições de caráter igual ao Seu, o que está revelado em Sua Lei. Sem essas condições ninguém pode se relacionar com Deus. Se não forem cumpridas, o homem entrará numa relação penal com Deus por não ter atingido as suas exigências.⁵

A exigência era uma só: não comer do fruto do conhecimento do bem e do mal. Se assim o fizesse Adão teria a vida; se cumprisse esta Lei, poderia gozar de um relacionamento mais pleno com Deus; seria justificado. Mas tal coisa não acontece. Adão desobedeceu à Lei de Deus. Ele cedeu à tentação.

2.2 – A Queda do Homem.

O homem, Adão, escolheu a alternativa errada. Tomou o caminho errado. Ao pecar saiu do estado em que fora criado; escolheu o caminho da morte. Tomou uma decisão equivocada.

A serpente tentou a Eva dizendo que Deus dera aquela ordem porque sabia que quando eles comessem seriam como Ele, seriam conhecedores do bem e do mal (Gn 3. 5). E o próprio texto narra o que aconteceu a partir de então. “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (vs. 06). Em outras palavras quebraram o pacto que Deus havia feito.

Como resultado desta decisão e da perda do estado em que havia sido criado, o homem perde, juntamente com isto, a comunhão com Deus.

⁵ Moisés Bezerril. *A Dispensação do Pacto*. 1 ed. (Recife: Edição Própria, 1998), 9 e 10.

A ordem era para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta ordem foi quebrada. E ordem quebrada implica em punição. A punição gera a morte. E esta morte não é simplesmente morte física do corpo, mas separação e condenação, algo que enche o coração do homem de temor.

A queda do homem nos coloca frente a frente com uma realidade estupefaciente e terrível: o pecado, que passa a fazer parte da história humana e, a ira de Deus, uma santa reação de um Deus santo ante o mal.

Devemos aqui ponderar acerca da natureza do pecado e da gravidade deste novo elemento que se coloca, se interpõe no relacionamento entre Deus e o homem.

Em nossos dias não é tarefa fácil definir e falar sobre o pecado. O homem moderno costuma ver o pecado como uma espécie de doença ou à instabilidade. A cura pode, naturalmente, ser encontrada com a terapia individual, a catarse, e não com o arrependimento tendo como base um sacrifício. Pecado é até definido na atualidade como uma invenção da igreja para levar as pessoas à igreja e ao arrependimento como dizia Nietzsche.

Usualmente as pessoas não encaram pecado como uma transgressão da Lei de Deus; não o encaram como rebeldia contra Deus.

“...Pecado é deixar-se de se conformar à lei moral de Deus, seja em ato, seja em atitude, seja em natureza. O pecado é definido em relação a Deus e sua lei moral. Inclui não só atos individuais, como roubar, mentir ou cometer homicídio, mas também atitudes contrárias àquilo que Deus exige de nós”.⁶

Quando o homem peca é uma declaração silenciosa de que não quer estar na condição de criatura, não quer ser dependente de ninguém em sentido algum. Quando o homem peca está querendo a sua liberdade, a sua autonomia, a sua libertação de todas as ordens, todos os mandamentos que Deus colocou sobre ele. Desta perspectiva pecado é uma revolta contra Deus, contra as Suas leis; é hostilidade; é vontade sutil de estar no lugar de Deus.

O escritor John Stott define o pecado de forma magistral. Ele diz:

A ênfase da Escritura é sobre a autocentralidade ímpia do pecado. Cada pecado é uma quebra do que Jesus chamou de o primeiro e grande mandamento, não apenas o fracasso de amar a Deus com todo o nosso ser, mas também a recusa ativa de reconhecê-lo e obedecê-lo como nosso Criador e Senhor. Rejeitamos a posição de dependência que o fato de sermos criados envolve e procuramos ser independentes. Pior ainda, ousamos proclamar nossa autoindependência, nossa autonomia, o mesmo que reivindicar a posição que somente Deus pode

⁶ Grudem. *Teologia Sistemática*, 403.

ocupar. O pecado não é um lapso lamentável de padrões convencionais; a sua essência é hostilidade para com Deus, manifesta em rebeldia ativa contra Ele.⁷

Não há que se duvidar que o pecado é um desafio à santidade de Deus e a Ele próprio; é arrogância e desejo de ser igual a Ele. Pecado é afastamento de Deus, uma ofensa a Ele.

Esta é também a posição de Agostinho com relação ao pecado. Ele via Adão como um homem que possuía dotes intelectuais inigualáveis, que se encontrava num estado de justificação, iluminação e bem-aventurança. Agostinho fala também da liberdade do homem, não no sentido de incapacidade de pecar, mas de capacidade de não pecar. A vontade do homem dedicava-se a cumprir os mandamentos de Deus, sendo, portanto, sua vontade boa.

Quando o homem cai, Agostinho imediatamente aponta o erro como sendo inteiramente humano, enfatizando que Deus não poderia ser, em hipótese alguma, o autor do pecado, visto que Ele cercou o homem de todas as vantagens possíveis dando-lhe apenas uma proibição. Agostinho asseverava que toda a culpa deve recair sobre o homem, e o fundamento do seu ato pecaminoso foi o orgulho, o desejo de romper com Seu mestre natural, Deus, e de ser seu próprio mestre; tomar as rédeas da sua vida; viver independente; o anseio de substituir Deus pelo seu próprio ego.⁸

Para Lutero o primeiro pecado, o de Adão, constitui-se basicamente em falta de fé em relação a Deus, e uma enorme confiança no raciocínio do homem do que na ordem e na Palavra que Deus proferiu a este.

Calvino aponta o pecado como sendo uma desobediência. Ainda mais, Calvino refere-se à desobediência de Adão como sendo muito mais do que apostasia, e no seu costumeiro linguajar carregado de expressões forte e contundentes ele diz que isto está associado “com vis impropérios contra Deus, por isso que Adão e Eva subscrevem as caluniosas insinuações de Satanás, com que acusa falsamente a Deus de mentira, e de inveja e de maldade”.⁹ Assim, ele refere-se ao homem como alguém que se esqueceu de que tudo o que ele tinha vinha de Deus. Começou a exaltar-se contra Deus e acabou no estado de miserabilidade.

É então claro, que quando Adão pecou desobedecendo a ordem de Deus, aquele primeiro método de justificação tornou-se inadequado. No momento em que deixaram de obedecer perfeitamente à Lei de Deus, Adão e Eva impossibilitou, tornou impossível ser justificado diante de Deus por este modo. O “pacto das obras” termina com a desobediência.

⁷ John R. W. Stott. *A Cruz de Cristo*. 1 ed. 6ª reimpressão. (São Paulo:Vida, 1999), 80.

⁸ J. N. D. Kelly. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã*. 1 ed. (São Paulo: Vida Nova, 1999), 273-274.

⁹ Calvino. *Institutas*, Vol. II, 5.

É interessante notarmos que Adão estava representando toda a raça humana. Ele era o cabeça de toda humanidade.

Em Adão todos os homens pecaram. É o que diz Paulo em Romanos 5. 12: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens porque todos pecaram”.

O apóstolo dos gentios nos explica os efeitos da queda de Adão em toda a humanidade (Rm 5. 12-19; 1 Co 15. 22). Todos os membros da raça humana estavam sendo representados por Adão no pacto. Como representante Adão pecou, e Deus considerou-nos culpados tanto quanto Adão. Seu pecado é também o nosso pecado, sua transgressão é também nossa.

Isto não significa que nós sejamos culpados pela culpa de Adão como se tivéssemos praticado o pecado de Adão pessoalmente. Não é nada disso!!! Não era a humanidade toda nascida quando isto aconteceu. A nossa culpa está no campo da representatividade.

Desta forma, podemos afirmar a universalidade do pecado. Alguns textos nos provam que o pecado de Adão atingiu a todos os homens, a saber (apenas para citar alguns exemplos): seguindo o relato do livro de Gênesis, nos depararemos com o primeiro assassinato, Caim matando Abel; no mesmo livro no capítulo 6 verso 5 diz que “viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo o desígnio do seu coração...”; em seguida por conta disso, dessa maldade humana, vemos o dilúvio sendo anunciado depois de o texto dizer que “a terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência” (6. 11).

Um pouco mais à frente no livro de Salmos, encontramos também esta doutrina ali expressa. O Salmo 143. 2b diz: “...à tua vista não há justo nenhum vivente”. Ainda mais claro é o texto de provérbios 20. 9: “Quem pode dizer purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?”. E ainda podemos citar o texto de Eclesiastes 7. 20 que é em certo sentido parece fazer eco ao salmo 14. Assim diz o texto: “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque”.

Ainda há no Novo Testamento textos que também, de forma nítida, expressam a universalidade do pecado.

O texto de Romanos 3 nos dá base segura quanto a isto. Paulo usa várias expressões: no verso 9 ele diz: “já temos demonstrado que todos, tanto judeus, como gregos, estão debaixo do pecado...”; no verso 19 ele assevera: “...visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”; ainda no verso 23 ele diz: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus...”. Como podemos ver Paulo expressa claramente a universalidade do pecado.

Outros escritores do Novo Testamento também afirmam estas doutrinas.

Tiago afirma: “...todos tropeçamos em muitas coisas”.

O Apóstolo João também dá a sua contribuição afirmando que “se dissermos que não temos pecado nenhum a nós mesmos nos enganamos e a verdade não está em nós. [...] Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós” (1 Jo 1. 8 e 10).

O que se nos apresenta claramente é que com a queda de Adão todos os homens foram afetados; o pecado tornou-se universal. Como diz o Salmo 51 depois da queda de Adão todos os homens nascidos de mulher são nascidos em pecado, com uma natureza pecaminosa, com exceção, naturalmente, do Senhor Jesus Cristo. Davi diz: “Eu nasci em iniquidade e em pecado me concebeu minha mãe”.

A Confissão de Fé de Westminster declara que depois de cair do seu estado original os nossos primeiros pais transmitiram o seu pecado a toda humanidade. Isto é assim expresso:

Sendo eles [Adão e Eva] o tronco de toda a humanidade, o delito de seus pecados foi imputado a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária.

Desta corrupção original, pela qual ficamos totalmente indispostos, incapazes e adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal, é que procedem todas as transgressões atuais.¹⁰

O Catecismo de Heidelberg também expressa isto nas perguntas 6 e 7, mostrando que o pecado de Adão atingiu a toda humanidade:

P. 6 – Criou Deus o homem assim mau e perverso?

R – Não. Ao contrário Deus criou o homem bem e à sua imagem, isto é, em verdadeira justiça e santidade, a fim de que ele conhecesse corretamente a Deus como seu Criador, o amasse de todo o coração e vivesse com ele em eterna bem-aventurança.

P. 7 – De onde vem esta corrupção da natureza humana?

R – Da queda e da desobediência dos nossos primeiros pais, Adão e Eva, no jardim do Éden; pelo que a nossa vida humana foi de tal modo envenenada que todos nós somos concebidos e nascidos em pecados”.¹¹

Uma pergunta que surge é: como é que aquilo que Adão praticou, o pecado, nos afeta?

¹⁰ Confissão de Fé de Westminster. *Sobre a Queda*. Parag. III e IV. 3 ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 1997).

¹¹ Livro de Confissões. *Catecismo de Heidelberg*. 1 ed. (São Paulo: Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969).

Em certo sentido já falamos algo a respeito. Entretanto, é necessário que digamos um pouco mais a respeito. Devemos destacar que herdamos o pecado de Adão de dois modos, que os teólogos diferenciam entre *culpa herdada* e *corrupção herdada*. O primeiro referindo-se ao fato de que somos culpados por causa do pecado de Adão e o segundo referindo-se à natureza pecaminosa que herdamos.

Quanto à culpa herdada já assinalamos que em Adão estava representada toda a raça humana (Rm 5. 12). Quando assim falamos, estamos apenas nos reportando ao fato de que somos enquadrados na culpa de Adão porque ele foi o nosso representante, o cabeça de toda humanidade. Não somos diretamente responsáveis pelo que ele fez.

É possível que algumas pessoas considerem isto um absurdo e levante a objeção de que seria injusto da parte de Deus imputar o pecado de Adão aos outros. Se pensarmos assim, entretanto, devemos também achar injusto, que Cristo nos represente e que a sua justiça seja a nós imputada. É óbvio que ninguém que conheça a Bíblia afirmaria isto. E isto invalidaria impreterivelmente o argumento anterior.

Isto posto, devemos ainda analisar um outro modo pelo qual o pecado de Adão nos afeta. Quando Adão desobedeceu todos os homens como seus descendentes receberam uma inclinação pecaminosa, uma disposição para o pecado. Essa atitude controla e determina a conduta de cada homem.

Wayne Grudem coloca isto na sua Teologia Sistemática dizendo que “além da culpa legal que Deus nos imputa por causa do pecado de Adão, também herdamos uma natureza pecaminosa como conseqüência do pecado dele. Essa natureza pecaminosa herdada é as vezes denominada simplesmente de “pecado original” e as vezes, mais precisamente de ‘poluição original’”.¹²

A citação de alguns textos da Palavra de Deus, invariavelmente nos levará a esta conclusão. No Salmo 51.5 Davi diz: “Eu nasci na iniquidade e em pecado me concebeu minha mãe”. No Salmo 58. 3 ele diz a mesma coisa com relação a outras pessoas: “Desviam-se os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras”. Estes textos são absolutamente claros na sua afirmação de que o homem tem uma natureza pecaminosa. Os textos mostram que desde a idade infante, até onde a lembrança possa alcançar, ele enxergou a sua tendência para o pecado.

¹² Grudem. *Teologia Sistemática*. Pg. 408.

Isaías no capítulo 59 versículo 4 também mostra esta corrupção em todos os homens: “Ninguém há que clame por justiça... confiam no que é nulo e andam falando mentiras; concebem o mal e dão a luz à iniquidade”.

No Novo Testamento encontramos o Apóstolo Paulo ensinando a este respeito. Ele mostra que a corrupção do pecado afeta ao homem em todas as suas partes (depravação total). Afirma ele em Romanos 7. 8: “Porque sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem não está em mim”. Outra passagem é Romanos 8. 7: “Por isso, o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não está sujeita a lei de Deus, nem mesmo pode estar”.

O texto mostra que o homem não gosta da idéia de alguém que é superior a ele. O homem está em inimizado contra Deus; odeia a Deus. Não pode estar sujeito à lei de Deus.

Outro texto é o de Ef. 2. 1-3. Neste texto Paulo fala que “estávamos mortos nos nossos delitos e pecados”, fazíamos tudo o que o curso deste mundo e o príncipe da potestade do ar nos guiava a fazer e “éramos, por natureza, filhos da ira como também os demais”. As palavras *por natureza* nos mostra que desde o nascimento estamos debaixo do pecado. Calvino comenta este texto dizendo que Paulo aqui “declara a todos os homens sem exceção, tanto judeus como gentios, como sendo culpados até que se vêm livres em Cristo”.¹³

Calvino afirma ainda com maior firmeza a depravação total, a total incapacidade humana, mostrando que aqueles que não a aceitam estão caindo em sofismas e crasso erro. Ele declara incisivamente:

Eis aqui uma passagem contra os pelagianos e todos os que negam o pecado original. O que reside inerentemente em todos é certamente original; mas Paulo ensina que somos todos inerentemente passíveis de condenação. Portanto, o pecado habita em nós, visto que Deus não condena o inocente. Os pelagianos sofismam, dizendo que o pecado se propagou, a partir de Adão, a toda raça humana, não por derivação, mas por imitação. Mas Paulo afirma que nascemos com o pecado, à semelhança das serpentes que produzem sua peçonha desde o ventre. Os demais que negam que isso é realmente pecado não contradizem menos a linguagem de Paulo; porque onde a condenação se faz presente, é porque seguramente presente está o pecado. É contra o pecado que a ira de Deus se dirige, e não contra pessoas inocentes. Nem é de admirar que a depravação que nos é congênita, herdada de nossos pais, seja considerada como pecado diante de Deus; pois enquanto a semente está ainda oculta, ele a percebe e a condena.¹⁴

¹³ João Calvino. *Efésios*. 1 ed. (São Paulo: Paracletos, 1998), 54.

¹⁴ *Ibid.*, 55.

Além da depravação total ou depravação generalizada como preferem alguns teólogos, ainda há a incapacidade espiritual que também é consequência da queda de Adão.

Esta incapacidade não é no sentido de que a pessoa sem Deus não possa fazer nenhuma espécie de bem. Incapacidade aqui é tratada no sentido da impotência espiritual da vontade; é a incapacidade de nos aproximarmos de Deus por meio de nossas forças.

Isto é o que Lutero chama de “escravidão da vontade”. O homem acha-se num estado tal que ele não pode obedecer a Deus. Os homens imaginam que a sua vontade é livre para servirem a Deus a hora que bem entenderem, acham que podem ser cristão a hora que o desejarem; falam do livre-arbítrio. Mas a Bíblia fala que a vontade do homem não está livre (Rm 8. 7; Ef 2. 3). Desde a queda de Adão o livre arbítrio acabou. Adão tinha livre arbítrio, ninguém mais o tem.

O Dr. Lloyd-Jones diz que o que o homem “não percebe é que ele se tornou incapaz de querer alguma coisa que esteja direcionada para a salvação. Ele não é livre para isso. Filhos da desobediência, a prole da desobediência, a progênie da desobediência! Há no universo uma mente má, e nós somos os seus frutos. Este é o ensino bíblico”.¹⁵

Incapacidade humana quer dizer que uma pessoa não regenerada não pode fazer, dizer ou pensar nada que corresponda à vontade de Deus, e como já dissemos antes, alguém que ainda não passou pelo processo da regeneração, não pode mudar a direção fundamental da sua vida. Esta pessoa só pensa em si e em como se agradar; não pensa em como agradar a Deus e tributar-lhe o seu amor. Só pode mudar de atitude mediante a ação do Espírito Santo de Deus.

Esta incapacidade é provada por vários textos bíblicos. Jesus mesmo disse a Nicodemos que ninguém poderia entrar no reino dos céus pela sua própria vontade, para tanto ele teria de “nascer da água e do Espírito”, teria de passar por uma mudança, por um novo nascimento (Jo 3). Mais tarde, Ele vai afirmar: “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer” (Jo 6. 44) e ainda: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15. 5). Estes textos nos mostram a total incapacidade do homem voltar-se para Deus com as suas próprias forças.

Até aqui esclarecemos que na queda Adão não apenas pecou, quebrando o pacto e recebendo a devida punição mas também afetou toda a sua posteridade.

Os homens estão assim numa relação de inimizade contra Deus. A nossa condição é uma condição da mais completa incapacidade de nos achegarmos a Deus para sermos salvos. Somos rebeldes a Ele, hostis, queremos o Seu lugar, queremos nos tornar senhores de nós mesmos, queremos destituir Deus da Sua condição de Criador.

¹⁵ Martyn Lloyd-Jones. *Reconciliação – o Método de Deus*. 1 Ed. (São Paulo: PES, 1998), 40.

Mas, há ainda algo que não foi tratado e que precisa ser esclarecido. Trata-se da santidade e da ira de Deus, a sua justa reação ante o mal.

2.3 – A santidade e a ira de Deus.

Ao abordamos o fator pecado na vida humana devemos assinalar que isto nos leva a algumas implicações. O pecado é algo que fere a santidade de Deus, e conseqüentemente acende a Sua ira.

Fica claro que o pecado é oposto à santidade de Deus. Louis Berkhof define a santidade de Deus fazendo uso de elemento negativo. Ele escreve que a santidade de Deus “pode ser definida como a perfeição de Deus, em virtude da qual Ele eternamente quer manter e mantém a Sua excelência moral, aborrece o pecado, e exige pureza moral em Suas criaturas”.¹⁶ Deus é santo e a sua exigência para que as Suas criaturas se relacionem com Ele é a santidade.

A santidade de Deus é o único atributo que é enfatizado pelas Sagradas Escrituras. Na sua visão, Isaías diz que os querubins clamavam uns para os outros dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos...” (6. 3). O salmo 89. 35 diz que o próprio Deus jura pela Sua santidade e por nenhum outro atributo; nós somos conclamados a adorar ao Senhor “na beleza da sua santidade”.

Esta excelência, destacada acima das outras perfeições é a glória destas; é a glória da Divindade, e, por conseguinte, de cada uma das Suas perfeições; assim como Seu poder é o vigor de suas outras perfeições, Sua santidade é a formosura das mesmas; da mesma maneira que sem a onipotência tudo seria débil, sem santidade tudo seria desagradável. Se esta fosse manchada, o resto perderia sua honra; seria como se o sol perdesse a sua luz: perderia ao mesmo tempo seu calor, seu poder e suas virtudes geradoras e vivificantes. Assim como no cristão a sinceridade é o brilho de todas as suas graças, a pureza em Deus é o resplendor de todos os atributos da Sua divindade. Sua justiça é santa, seu braço poderoso é um braço santo (Sl 98. 1). Sua verdade ou Palavra é uma palavra santa (Sl 105. 42). Seu nome que expressa todos os seus atributos juntos é um nome santo.¹⁷

A relação da santidade de Deus com o pecado humano, concluímos, é uma relação de incompatibilidade. As duas coisas não podem andar em comunhão. O pecado não pode subsistir na presença de Deus. Isaías diz que os nossos pecados fazem separação entre nós e

¹⁶ Berkhof. *Teologia Sistemática*, 76.

¹⁷ A. W. Pink. *Los Atributos de Dios*. 1 ed. (Peru: El Estandarte de La Verdad, 1971), 50 – Tradução própria.

Deus (59. 2). Habacuque sendo ainda mais claro e enfático diz que Deus é “tão puro de olhos que não pode contemplar o mal” (1. 13). Deus na sua santidade odeia o pecado.

A maior manifestação da ira de Deus é a Sua Lei moral.¹⁸ É aqui que Ele proíbe o pecado em todas as suas formas e manifestações desde as mais grosseiras até as mais refinadas.

Logicamente vamos nos defrontar com um seríssimo problema aqui. Deus é santo, puro e “não há nele treva nenhuma”; o homem é um pecador nato; e, todo o pecado fere a santidade de Deus. Disso devemos concluir que nenhum homem pode subsistir na presença de Deus.

O que acima foi exposto é facilmente demonstrado nas Sagradas Escrituras. Os livros da Bíblia mostram que Deus é santo e não pode suportar o mal, tolerar o erro. Os escritores sagrados mostram que não se podia ver a Deus e continuar vivo, sair daquela situação ileso. Podemos constatar isto quando observamos a reação de alguns personagens bíblicos diante de uma visão ainda que tênue, pálida da glória de Deus. Moisés, por exemplo, “escondeu o rosto porque temeu olhar para o Senhor” (Ex 3. 6), no episódio da sarça que ardia e não se consumia; Isaías diante da visão que teve no templo disse: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (6. 5). Isaías ficou no mais completo estado de terror e reconheceu a sua impureza. Ezequiel, também depois de uma visão da glória divina diz que “vendo isto, caí com o rosto em terra...” (1. 28); assim foi de forma semelhante com Daniel; no relato da sua visão ele conclui: “Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra” (10. 8 e 9). A experiência se repete com pessoas do Novo Testamento, como é o caso de Pedro que sentiu a sua indignidade diante de Cristo (Lc 5. 8) e também o de João que diz em Apocalipse que quando viu a Cristo caiu a seus pés “como morto” (1. 17).

Como já deixamos claro, a santidade de Deus não permite que Ele deixe de punir o pecado. A Sua santidade está intimamente ligada à Sua santa ira, que é a Sua santa reação contra o mal. Como elas se relacionam? “O fator comum aos conceitos bíblicos da santidade e da ira de Deus é a verdade de que não podem coexistir com o pecado. A santidade de Deus *expõe* o pecado e a Sua ira *se opõe* a ele. De forma que o pecado não pode chegar-se a Deus, e Deus não pode tolerar o pecado”.¹⁹

¹⁸ Héber Carlos de Campos. *O Ser de Deus e Seus Atributos*. 1 ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 1999), 312.

¹⁹ Stott. *A Cruz de Cristo*, 95.

Alguns teólogos não gostam da idéia de se falar sobre a ira de Deus. Entre eles estão C. H. Dodd e A. T. Hanson. Eles viam as referências à ira de Deus como um processo impessoal que afetava os pecadores, mas não como um atributo divino.²⁰

Entretanto, tal como podemos encarar na Bíblia, a ira é algo que é claramente manifesto nas Escrituras.

O que vem a ser então a ira de Deus? O que a provoca? O que o faz reagir da forma como a Bíblia nos ensina que reage? O Dr. Martyn Lloyd-Jones a define como “significando ódio ao pecado... Tudo o que pertence ao domínio das trevas, do pecado e de Satanás é abominável para Deus, e o que a ira de Deus significa é o conceito de Deus sobre o pecado, o ódio de Deus ao pecado, e Deus em Sua justiça e em Sua retidão, dando ao pecado o tratamento devido e punindo o pecado”²¹

Esta é a afirmação bíblica: Deus se ira contra o pecado e é por esta razão que os homens sem Cristo perecerão. Deus não pode suportar o pecado!

Não devemos confundir, entretanto, a ira de Deus com a ira dos homens. A ira dos homens é geralmente cheia de caprichos, de sentimentos nocivos de vingança; uma emoção irracional, incontrolável, não raro vaidosa, cheia de malícia, e não esmagadora maioria das vezes, absolutamente injusta. A ira do Senhor Deus é livre de qualquer uma destas coisas. É uma ira que está ligada à Sua santidade e à Sua justiça. Deus não perde a calma, não é torna-se irracional, não é vaidoso, nem cheio de malícia, muito menos injusto.

Onde podemos encontrar esta doutrinas nas páginas das Sagradas Escrituras? Podemos encontrá-la no Velho Testamento apenas ou também no Novo? É óbvio que a encontraremos tanto em um como no outro Testamento.

A primeira menção da ira de Deus é justamente no episódio que encerra o primeiro pecado. Quando Adão caiu no jardim do Éden Deus o expulsou de lá e colocou ali querubins com espadas flamejantes (Gn 3. 23-24). Ora isto é sem dúvida a punição de Deus por causa do pecado, é Sua ira em ação contra o pecado. Outras manifestações da ira de Deus ainda são encontradas no Velho Testamento. Observemos, por exemplo, o dilúvio. Aqui encontraremos mais uma manifestação desta ira. “A terra estava corrompida à vista de Deus...” diz o texto (Gn 6. 11), e por causa disto Deus deu cabo de toda carne através do dilúvio (6. 13). Um outro caso é a destruição de Sodoma e Gomorra. Gênesis 6. 18 diz: “Disse mais o Senhor: Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito”. O grande problema aqui como nos outros exemplos citados é o pecado. Pecado que

²⁰ *Ibid.*, 94-95.

²¹ Martyn Lloyd-Jones. *Romanos – O Evangelho de Deus*. 1 ed. (São Paulo: PES, 1998), 414.

coloca em ação a ira de Deus. E qual foi o resultado disso? Gênesis 19. 24 nos conta o desfecho de mais este trágico incidente: “Então, fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades...”. Ainda no Velho Testamento podemos perceber a ira de Deus no povo de Israel, ora em indivíduos ora na nação de um modo geral, como em Exôdo 32. 1ss, por exemplo, quando o povo se corrompe, se prostitui e o Senhor diz: “Tenho visto este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me para que se acenda contra eles o meu furor, e eu os consuma”. Ainda uma outra vez podemos percebê-la na ida do povo de Israel para o cativeiro babilônico. Naquele período o povo tinha duas concepções: uma acerca do trono de Davi, sobre o qual repousa a promessa de Deus de que não seria abalado; a outra relacionada ao templo, que era a habitação de Deus. Baseado nesta concepção o povo de Israel tinha-se por seguro, porque Deus não permitiria que acontecesse nada à Sua habitação, nem ao trono de Davi. E, pensando nestas coisas o povo passou a cometer toda espécie de pecado, como prostituição, idolatria, injustiça social, etc. Mais uma vez a ira de Deus se acende e Deus pune o pecado. O Segundo Livro dos Reis diz: “Naquele tempo, subiram os servos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a cidade foi cercada... Levou dali todos os tesouros da casa do Senhor e os tesouros da casa do rei, e segundo tinha dito o Senhor, cortou em pedaços todos os utensílios de ouro que fizera Salomão, Rei de Israel, para o templo do Senhor... Transportou a toda Jerusalém, todos os príncipes, todos os homens valentes, todos os artífices e ferreiros, ao todo dez mil, ninguém ficou, senão o pobre da terra” (24. 10-11, 13-14). Esta foi a retribuição de Deus contra o pecado. E no verso 20 vamos encontrar claramente a causa de tudo isto. O texto expressa a causa com clareza dizendo que *“assim sucedeu por causa da ira do Senhor contra Jerusalém e contra Judá...”*.

Esta, conforme podemos ver, foi a manifestação da ira do Senhor no Velho Testamento. E o que diz o Novo?

Logo no início dos Evangelho de Mateus, João pergunta aos fariseus e saduceus que o procuravam para serem batizados: “quem vos induziu a fugir da ira vindoura?”.

Um texto muito citado como referindo-se ao amor de Deus, também refere-se à ira de Deus. É o texto de João 3. 16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna”. Aquele que crê no filho terá a vida eterna, mas ao contrário perecerá, será lançado nas trevas em retribuição ao seu pecado. A mesma idéia está expressa no texto de João 3. 36: “Por isso que crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia permanece rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele

permanece a ira de Deus”. Estas são palavras do próprio Filho de Deus. Se não cremos estamos sob a ira de Deus.

Esta doutrina também é ensinada pelo Apóstolo Paulo em Romanos 1. 18; 2. 5; 5. 6; Ef 2. 03; 5. 6 ; 1 Ts 1. 10 entre outros textos.

A doutrina da ira de Deus deve ficar bem compreendida e clara para nós. Este é o ensino bíblico. A ira de Deus é a sua santa reação contra o pecado. Sobre isto diz o Dr. Martyn Lloyd-Jones:

...A ira de Deus é uma expressão do Seu ódio ao pecado, uma expressão da punição ao pecado. Uma clara afirmação neste sentido é que se morrermos em nossos pecados, iremos para o castigo eterno. Esse é o ensino das Escrituras. A ira de Deus contra o pecado manifesta-se finalmente no inferno, onde os homens e as mulheres continuam fora da vida de Deus, em miséria e angústia, escravos dos seus próprios desejos e cobiças, egoístas e egocêntricos.²²

Mas, a maior e mais completa revelação da ira de Deus podemos ver na cruz do Calvário. Aqui vemos como Deus não pode ver o mal. Era preciso que o pecado fosse punido. Cristo bebeu o cálice da ira de Deus. Experimentou a ira de Deus contra o pecado dos homens. Mas, deixemos este assunto de lado por hora, pois o trataremos mais acuradamente no próximo capítulo.

Resumindo, analisamos até aqui a natureza e a gravidade do pecado. O pecado é rebeldia e hostilidade contra Deus. O pecado nós dissemos fere a santidade de Deus; e, como consequência a Sua ira é acesa, porque ele não pode ver o mal.

Aqui depois de analisarmos que o nosso pecado como sendo uma desonra contra Deus acende a Sua ira, surge uma pergunta perturbadora: Como podemos nos livrar desta ira de Deus?

A situação do pecador é desconfortável. O pecado precisa ser punido. Nós os pecadores cometemos pecados todos os dias, e isto precisa ser punido porque “não condiz com Deus fazer qualquer coisa injusta ou irregularmente, não está dentro do alcance da Sua liberdade ou bondade ou vontade deixar sem punição o pecador que não devolve a Deus o que tomou”.²³

Quem paga esta dívida? Nós próprios? Não podemos! Somos incapazes de fazer qualquer coisa que apazigue a ira de Deus. A nossa obediência e as nossas boas obras são, como diz Isaías como “trapos de imundícia” diante de Deus. Não podemos salvar a nós

²² Lloyd-Jones. *Reconciliação: O Método de Deus*, 65, 66.

²³ Stott. *A Cruz de Cristo*, 107.

mesmos, nem outro ser humano o pode, porque um pecador não pode justificar outro pecador. Aqui estamos no dilema que foi muito bem descrito por Anselmo, bispo da Cantuária, teólogo do século XI: “O homem pecador deve a Deus por causa do pecado, o que não pode pagar, e a menos que pague não pode ser salvo”.²⁴

Analisando estas questões vemos a necessidade da justificação. O homem não pode justificar-se. Nos apercebemos então que só Deus pode fazer alguma coisa por nós, só Ele pode nos livrar da Sua ira. A partir de então podemos entender mais acuradamente o propósito da encarnação, vida e obra do Filho de Deus.

“Não há Ninguém que *pode* trazer satisfação [pelo pecado] a não ser o próprio Deus. Mas ninguém *deve* fazê-lo a não ser o homem; de outra forma o homem não oferece satisfação. É necessário que alguém que seja Deus e homem o faça”. (Anselmo da Cantuária).

²⁴ Citado por Stott. *A Cruz de Cristo*, 107.